

Ocupação avança e desemprego recua

O Brasil ultrapassou a marca de 100 milhões de trabalhadores ocupados desde o início da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O levantamento, divulgado ontem, mostra número recorde de 100,2 milhões de pessoas, acréscimo de 862 mil nos últimos três meses.

A taxa de desocupação no trimestre de agosto a outubro ficou em 7,6%, a menor desde o trimestre encerrado em fevereiro de 2015, quando era 7,5%. O resultado representa recuo de 0,3 ponto percentual em relação à média de maio a julho. No mesmo período do ano passado, a taxa era de 8,3%.

Com os dados do trimestre encerrado em outubro, o número de desocupados caiu 261 mil, atingindo 8,259 milhões de pessoas – recuo de 3,6% ante o trimestre anterior. Dessa maneira, o país chegou ao menor contingente de desocupados em números absolutos desde o trimestre móvel fechado em abril de 2015.

Em relação ao número de pessoas ocupadas, houve crescimento de 0,9% no último trimestre. O recorde de 100,2 milhões de pessoas é o maior número da série histórica iniciada em 2012. No ano, o aumento foi de 0,5%, com mais 545 mil pessoas ocupadas.

O nível da ocupação (percentual de pessoas ocupadas na população em idade de trabalhar) foi estimado em 57,2%, crescendo 0,4 ponto percentual frente ao trimestre de maio a julho (56,9%) e ficando estável na comparação anual.

Além disso, o número de em-

pregados com carteira de trabalho no setor privado (excluindo trabalhadores domésticos) chegou a 37,4 milhões, o maior desde janeiro de 2015. Esse dado representa saldo positivo de 587 mil pessoas (+1,6%) com carteira assinada nos últimos três meses. E o número de trabalhadores por conta própria alcançou 25,6 milhões de pessoas, aumento de 317 mil (+1,3%) na mesma comparação.

– Isso mostra que tanto empregados quanto trabalhadores por conta própria contribuíram para a expansão da ocupação no trimestre – explicou Adriana Beringuy, coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE.

Segundo Adriana, embora o aumento da carteira assinada venha ocorrendo de forma consistente, o crescimento tem sido “bastante concentrado” em algumas atividades, como informação, comunicação e atividades administrativas, mas também um pouco na indústria e no comércio. E a taxa de informalidade foi de 39,1% da população ocupada (ou 39,2 milhões de trabalhadores informais), estável em relação ao ano passado.

Renda

O rendimento médio real do trabalhador foi estimado em R\$ 2.999, a maior cifra desde o trimestre encerrado em julho de 2020 (R\$ 3.152). A massa de renda real habitual paga aos ocupados somou R\$ 295,745 bilhões no trimestre encerrado em outubro, alta de 4,70% ante igual período do ano passado. O IBGE atribui essa evolução à expansão continuada entre ocupados com carteira assinada.

População subutilizada diminui

No trimestre terminado em outubro deste ano, faltou trabalho para 20,042 milhões de pessoas no país, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), iniciada em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A população subutilizada desceu ao menor nível desde o trimestre encerrado em fevereiro de 2016, quando somava 19,983 milhões de pessoas.

A taxa composta de subutilização da força de trabalho passou

de 17,7% no trimestre até julho de 2023 para 17,5% no trimestre até outubro. O resultado significa a menor taxa desde o trimestre encerrado em dezembro de 2015, quando ficou em 17,4%.

O indicador inclui a taxa de desocupação, a taxa de subocupação por insuficiência de horas e a taxa da força de trabalho potencial, pessoas que não estão em busca de emprego, mas que estariam disponíveis para trabalhar. No trimestre até outubro de 2022, a taxa de subutilização da força de trabalho estava em 19,5%.

O desempenho

Evolução da taxa trimestral de desemprego no Brasil mostra recuo do índice ao longo dos últimos 12 meses

| | |
|---------------|------|
| Ago/22–out/22 | 8,3% |
| Set/22–nov/22 | 8,1% |
| Out/22–dez/22 | 7,9% |
| Nov/22–jan/23 | 8,4% |
| Dez/22–fev/23 | 8,6% |
| Jan/23–mar/23 | 8,8% |
| Fev/23–abr/23 | 8,5% |
| Mar/23–mai/23 | 8,3% |
| Abr/23–jun/23 | 8,0% |
| Mai/23–jul/23 | 7,9% |
| Jun/23–ago/23 | 7,8% |
| Jul/23–set/23 | 7,7% |
| Ago/23–out/23 | 7,6% |

A taxa composta de subutilização também vem caindo nos últimos anos no país (dados de trimestres de agosto a outubro)

| | |
|------|-------|
| 2016 | 21,5% |
| 2017 | 23,8% |
| 2018 | 24,1% |
| 2019 | 23,8% |
| 2020 | 29,6% |
| 2021 | 25,7% |
| 2022 | 19,5% |
| 2023 | 17,5% |

Obs.: a taxa composta de subutilização inclui a taxa de desocupação, a taxa de subocupação por insuficiência de horas e a taxa da força de trabalho potencial (pessoas que não estão em busca de emprego, mas que estariam disponíveis para trabalhar).

Fonte: IBGE



“ Não se trata apenas de números positivos em relação ao contingente do mercado de trabalho, mas uma expansão da ocupação acompanhada por características ligadas também a indicadores qualitativos. O que a gente tem é um aumento não apenas quantitativo, do contingente de ocupados, mas essa expansão vem acompanhada do aumento da formalidade e também do aumento do rendimento. E essa melhoria vem acompanhada por algumas atividades que têm registrado sim expansão (da ocupação), e essa expansão através da carteira de trabalho.

ADRIANA BERINGUY
Coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE